

PÁGINAS DO SERTÃO: LEITURA E IMAGINAÇÃO NO UNIVERSO DE SERTANEJAS

Ivânia Nunes Machado Rocha (Pós-Crítica/UNEB)¹

Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira

INTRODUÇÃO

O meu interesse em pesquisar mulheres sertanejas, donas-de-casa de Irecê e que sejam leitoras, não aconteceu por acaso: a minha identificação com a temática vai além do fato de ser mulher, sertaneja, dona-de-casa ireceense e leitora. A minha relação com a leitura surgiu quando ainda era uma garotinha magricela e perebenta.²

Fui praticamente autodidata nos rudimentos da leitura e escrita e, após começar a ler, não parei mais: li tudo o que passou pelas minhas mãos – desde livros de história antiga, bulas de remédio, *bang bang*; enfim, literaturas de todos os tipos - e sempre fui fascinada pelo universo das letras, dos livros e das leituras. A leitura é a seiva que me alimenta, literalmente, porque ela me proporcionou casa e comida, já que sou professora de língua portuguesa.

Há uma teoria corrente sobre o nível de leitura do brasileiro: acredita-se que os tupiniquins leem pouco e mal. Dados do PISA apontam, outrossim, para os baixos índices em relação ao tópico leitura dos alunos da educação básica, conforme dados do MEC (Brasil, 2013):

NOTAS DO BRASIL EM LEITURA – PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes)				
Ano	2000	2003	2006	2009
Nota	396	403	396	412

É possível perceber que as notas são cíclicas, girando em torno de 400; porém, em 2009, há um aumento de 16 pontos em relação à nota anterior e de 09 pontos em relação à nota mais alta das últimas avaliações. Ora, percebe-se um crescimento do mercado de livros: algumas livrarias passaram a aderir ao novo conceito do comércio bibliográfico, as *mega stores*, que são grandes lojas nas quais é possível encontrar inúmeros volumes de diversos títulos, nacionais e estrangeiros, além de outros itens de papelaria, informática e entretenimento. Tais estabelecimentos se encontram

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: ivanianunes@hotmail.com

² Quando era ainda uma menininha, costumava ter muitas feridas no corpo: tanto as que surgiam espontaneamente; quanto outras tantas provocadas pelos arranhões e acidentes de percurso de uma garota levada do interior. Perebenta = cheia de feridas, de machucados.

sempre cheios. Portanto, isso pode ser considerado como um sinal de mudança de hábitos de leitura das pessoas no Brasil.

Além das grandes livrarias, há também um imenso crescimento do comércio eletrônico, que facilitou bastante a aquisição de livros novos ou usados, para os consumidores que têm acesso à informática e à internet; esse é outro sinal de mudança.

O terceiro e grande sinal que aponta para os novos hábitos dos leitores é a *internet*, que proporciona uma variedade inestimável de textos, em muitos gêneros e formatos: alguns são disponibilizados para leitura *on line*: outros podem ser baixados gratuitamente para serem lidos no modo *of line*, ou seja, o leitor não necessita estar conectado a uma rede para poder realizar a sua leitura. Nesse tocante, é importante mencionar o site www.dominiopublico.org.br, que disponibiliza inúmeras obras que já são de domínio público, como o próprio título sugere, para que o público geral possa realizar suas leituras.

Diante de tantos avanços tecnológicos e da modernização do comércio de livros, sem mencionar a facilidade de compra e pagamento, é perfeitamente válido questionar se a circulação do conhecimento por meio da cultura letrada avançou também em cidades do interior, incluindo-se as zonas urbanas e rurais.

É de conhecimento público a existência da difusão da cultura oral em locais mais afastados dos centros urbanos, por conta da ausência de uma cultura letrada abrangente e democrática. Ademais, desde o final dos anos 1990, quando houve a universalização do acesso à energia elétrica, através do programa de eletrificação rural, denominado Luz no Campo, começado no governo do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, houve também o aumento da presença de aparelhos de TV, que passaram a ocupar lugar de destaque nos lares sertanejos, substituindo, assim, o antigo rádio a pilhas. Essa universalização dos televisores pode ter influenciado na troca dos textos escritos pelas leituras audiovisuais, aparentemente muito mais sedutoras.

Prega-se a inclusão digital, mas basta que se solicite um trabalho para ser realizado no computador, através do uso da *internet*, em uma sala de aula de escola pública, para se ter uma ideia de que o que vigora mesmo é a exclusão digital entre as camadas mais pobres da sociedade, que geralmente são as que moram nos locais mais ermos ou de difícil acesso. Assim, é possível supor que nas periferias urbanas e na zona rural ainda há muita gente sem acesso à internet ou até mesmo a computadores, o que poderia inviabilizar as leituras por meios eletrônicos.

Desse modo, levando em consideração a posição geográfica da microrregião de Irecê e a situação socioeconômica de seus moradores, é interessante questionar como as pessoas, mais

especificamente as mulheres donas-de-casa que vivem no sertão de Irecê, que dista 480 km da capital baiana, fazem para realizar leituras de material gráfico diverso.

Leia-se sertaneja (de Irecê) – a mulher que vive e convive com o semiárido, participando, direta ou indiretamente das alegrias e dificuldades de habitar essa região inóspita, enfrentando secas prolongadas, falta de água, encolhimento da economia, sendo esta sustentada basicamente pela agricultura; mas não necessariamente a mulher agricultora, ou moradora da zona rural. Dentre o conjunto das sertanejas ireceenses, pensamos naquelas mais comuns: donas-de-casa, trabalhadoras informais e que não tiveram acesso ao nível superior, uma vez que seria custoso dar conta das sertanejas na sua totalidade.

É uma temática importante, visto que vem sendo negligenciada, por conta da visão machista ainda dominante na sociedade vigente. As pessoas buscam em suas pesquisas os leitores mais óbvios: como os alunos desta ou daquela instituição; profissionais da educação; trabalhadores de determinadas áreas; universitários ou adolescentes, por exemplo.

Saber o que as donas-de-casa de Irecê estão lendo, se têm tempo para isso e, em caso afirmativo, como administram esse tempo; e que influências as suas leituras trazem para suas vidas é promover um encontro com pensamentos ainda incógnitos, visto que são desconhecidos do grande público, principalmente se tratando das mulheres do sertão, que estão ainda mais invisíveis que a maioria do público feminino.

Com certeza, outros já estão pensando nessa parcela de leitores, pois existem inúmeras publicações que são destinadas ao público feminino, como revistas, livros de culinária, manuais para mães e donas-de-casa e, também, uma literatura toda especial, conhecida no meio acadêmico como “literatura cor-de-rosa”. Mas o nosso interesse vai, além disso: o que se quer saber abrange tudo o que a sertaneja lê; como se processa essas leituras; e como ela interage com o mundo a partir do que foi lido. Será que as mulheres gostam do tipo de literatura que é direcionado a elas? O que elas pensam disso? Essas e outras questões poderão ser respondidas através de uma investigação séria, que possa contemplar a dona-de-casa sertaneja, através de suas leituras.

É importante perguntar, a partir do exposto anteriormente, se donas-de-casa sertanejas leem; em caso afirmativo, quanto, o que e como se realizam essas leituras e o que as motiva a ler.

Partindo do pressuposto de que a mulher do semiárido, sendo uma trabalhadora incansável, dentro e fora de casa, assim como a maioria das mulheres desse país, ela ainda encontra tempo para o exercício da cultura letrada? Qual o papel da leitura em suas vidas?

Apesar do discurso da promoção da igualdade entre os gêneros, ainda falta muito para que mulheres e homens gozem de direitos iguais: sabe-se, por exemplo, que mulheres ainda recebem um salário inferior ao de homens em funções semelhantes e que também costumam ocupar cargos considerados “femininos” ou “fáceis”, como os serviços domésticos e educacionais. Portanto, inúmeras mulheres ainda vivem à margem da sociedade, sem acesso aos bens materiais e culturais necessários a seu bem estar e ao seu desenvolvimento pleno como pessoa e cidadã. Dessa forma, é salutar que se questione se essas mulheres dispõem de tempo e/ou dinheiro para desfrutar de momentos de leitura e se essas leituras são para fruição ou somente por necessidade.

Seria interessante conhecer e estimar em termos qualitativos e quantitativos o envolvimento da mulher sertaneja de Irecê/BA com a leitura, bem como observar o seu nível de letramento e as relações que estabelecem entre a leitura do mundo e a leitura da escrita, levando-se em consideração a importância do ato de ler e os seus desdobramentos na sociedade.

A leitura é capaz de abrir portas e ampliar os horizontes dos leitores, estimulando a imaginação, a criatividade e favorecendo o exercício da liberdade de pensamento. Existem inúmeras formas de ler e infinitas possibilidades de leitura que se materializam em nosso cotidiano através dos diversos gêneros textuais.

Muitas pessoas procuram adquirir novos conhecimentos, manter-se informadas sobre os fatos do dia-a-dia e ampliar o vocabulário através de suas leituras. Para além de um sentido meramente pragmático, a leitura também pode ser realizada por prazer, para a fruição de quem lê.

LEITURAS NA LITERATURA E NA CULTURA

Para desenvolver uma pesquisa na linha de margens da literatura, deve-se passar, obrigatoriamente, pela discussão dos temas cultura, literatura, leitura, identidade e subjetividade. Sabe-se que a leitura é um hábito culturalmente construído; assim como os conceitos de literatura e da própria cultura têm sua maior ou menor aceitabilidade de acordo com a cultura corrente em determinado lugar e época. Para Perrone-Moisés (1998. p. 59) “[...] Na história literária, a leitura é *constitutiva* do fato, já que os fatos literários (obras) só encontram sua realização plena na leitura; eles são programados para (re)acontecer na leitura, criando sentidos que renascem e variam a cada época.”

Normalmente, costuma-se dividir os textos de caráter mais prático como não-literários; e os de caráter mais lúdico como literários. Porém, na atualidade, há uma crescente relativização entre os

gêneros que podem ser considerados literários ou não. Isso depende de uma série de fatores, tais como: contexto de circulação, objetivo, público-alvo, portadores textuais etc.

Na realidade, não é fácil definir literatura, pois é um conceito que vem sendo construído ao longo dos tempos, e que não é descomprometido de juízos de valor, embora admita-se que críticos, escritores e estudiosos adotem certos critérios para estabelecer o que, de fato, pode ser considerado como literatura.

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o Empire State. [...] (EAGLETON, 2006. p. 24).

É evidente que há o exercício do jogo do poder implícito ao conceito de literatura: quem pode mais, quem sabe mais, quem estudou mais – esses são autoridades para definir o que é e o que não é literatura. Consequentemente, as produções orais, os registros literários de pessoas que moram no campo, as vozes dos favelados, das mulheres, dos negros, das pessoas mais carentes quase não aparecem nas classificações literárias, pois os seus autores não detêm o poder de decisão.

Nesse ínterim, entra em jogo as subjetividades das sertanejas, forjadas a partir do centro ocidental-europeu-branco-homem, como toda a sociedade brasileira; e isso é muito importante no processo de formação das leitoras, das sertanejas, das mulheres, pois definirá que tipo de leitora, de sertaneja, de mulher se apresentará para o mundo: será alguém que apenas reproduz os modelos instituídos ao longo dos séculos pelos dominantes ou será uma pessoa capaz de subverter a ordem reinante, seja expressando seu ponto de vista, seja realizando leituras outras, não-canônicas ou participando dos movimentos sociais?

Para a construção da subjetividade consciente, é fundamental que haja clareza quanto à identidade; faz-se necessário que o indivíduo conheça-se a si mesmo, sendo capaz de situar-se historicamente no mundo, problematizando a sua trajetória e as influências que foram importantes na edificação do seu eu – e isso só será possível através da linguagem. É na e pela linguagem que os sujeitos fazem a crítica de sua condição e isso leva à hipótese de que as leituras realizadas podem influenciar na construção e reconstrução e até mesmo na desmontagem do conjunto de ideias, crenças e valores que caracterizam o pensamento humano.

Retomando à relatividade de alguns temas, e como o processo de subjetivação é uma construção, pode-se observar que o conceito de literariedade de um texto muda, de acordo com a época, o local e outras variáveis, as quais estão sujeitas os escritos ao longo do tempo. A respeito disso, a autora Márcia Abreu esclarece:

Estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldade em aceitar a ideia de que não é o valor interno à obra que a consagra. O modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem, a adesão a uma convenção contribuem para que algo seja considerado literário. Mas esses elementos não bastam. A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor (ABREU, 2006. p. 41).

A respeito da afirmação anterior, é possível endossar o que Márcia Abreu traz, observando as dificuldades pelas quais um autor iniciante passa para publicar seus textos. Ao contrário, um nome conhecido pode até publicar absurdos, e será aceito, pois se trata de uma suposta autoridade.

O próprio conceito de leitura tem sido modificado e ampliado com o passar dos anos e com os avanços do estudo na área de alfabetização, letramento, literatura e leitura. De acordo com Perrone-Moisés (*Id.* p. 60) “Ler é dar sentido, sincronizar, vivificar, escolher e apontar valores. A leitura ativa é construtiva porque ela pretende orientar os rumos do futuro; e é destrutiva, porque ultrapassa e invalida as regras de medida vigentes”.

Durante muito tempo, confundiu-se o ato de ler com a mera decodificação do código linguístico; no entanto, após novas investigações, aceita-se, no presente, um conceito mais amplo e complexo da leitura, que vai muito além do ato de decodificar os signos escritos: ler abrange também atribuir significados e estabelecer relações entre textos, com a possibilidade de operar mudanças no mundo mental e material do leitor, pois

[...] Neste caso, o ato de aprender a ler e escrever é um ato criativo que implica uma compreensão crítica da realidade. O conhecimento de um conhecimento anterior, obtidos pelos educandos como resultado da análise da práxis em seu contexto social, abre para eles a possibilidade de um novo conhecimento. O novo conhecimento revela a razão de ser que se encontra por detrás dos fatos, desmitologizando, assim, as falsas interpretações desses mesmos fatos. Desse modo, deixa de existir qualquer separação entre pensamento-linguagem e realidade objetiva. A leitura de um texto exige agora uma leitura dentro de um contexto social a que ele se refere. (FREIRE & MACEDO, 1990. p. 105)

Empregamos, portanto, a definição mais ampla de leitura, aquela que abrange, pensamento, linguagens e ação, pois a leitura deve funcionar como motivadora de mudanças, que devem ser operadas pelas pessoas, de modo consciente e crítico. De acordo com Freire (2005. p. 41) “A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso.” Para ele, “transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens”.

O conceito de letramento, por outro lado, não pressupõe necessariamente a leitura da escrita, mas, obrigatoriamente requer do leitor a capacidade de ler o mundo a sua volta. Portanto, um sujeito não alfabetizado pode ser bastante letrado; e uma pessoa alfabetizada pode ser pouco letrada, pode analisar os fatos de sua realidade apenas de forma superficial e descomprometida. A

bagagem que o leitor carrega consigo, oriunda de experiências anteriores, conta muito no processo de leitura, já que

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimentos, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2007. p. 13)

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Soares (2012. p. 19) separa alfabetizado de letrado. De acordo com ela, “alfabetizado nomeia apenas aquele que aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam.” Ora, este último é o letrado; aquele que vai além de decodificar a língua, fazendo uso dela em situações do cotidiano.

Pesquisas apontam que as mulheres possuem mais anos de escolaridade que os homens; que elas estudam mais, por uma série de motivos sócio-históricos, culturais e econômicos; entre estes, o fato de elas terem ficado por muito tempo sem o direito de frequentar a escola, sem acesso à educação formal e, mesmo quando puderam finalmente usufruir desse direito, as escolas para mulheres eram diferenciadas, sendo direcionadas para as artes do lar, ou seja, a escola reproduzia a ideologia reinante na sociedade.

Hoje, se as mulheres estudam mais, pressupõe-se que também leem mais. O que não significa, necessariamente, um maior grau de letramento, embora desse fato resultem muitas outras implicações, como as diferenças entre os gêneros, a predominância do machismo que insiste ainda em dividir o trabalho em atividades masculinas e femininas, direcionando, assim, as escolhas das mulheres por ocupações que privilegiem o uso do cérebro, em vez dos músculos.

É evidente que o que se aplica a uma mulher jovem não será aplicável a uma idosa, por exemplo. E há também muitas outras variáveis socioculturais, econômicas e inclusive geográficas que podem influenciar no grau de letramento e nível de leitura das mulheres brasileiras. No entanto, não é possível afirmar que as mulheres do sertão de Irecê tenham hábitos de leitura totalmente diferentes daqueles das demais brasileiras. Possivelmente as suas leituras devem convergir em alguns pontos e divergir em outros, já que estamos tratando de pessoas que têm muitas coisas em comum, a começar pelo gênero.

Diante de um universo de possibilidades de leituras, é interessante tentar conhecer as leituras das sertanejas, observando a interação entre estas e o ambiente em que vivem; se essas leituras

influenciam para a ação ou a inércia, para a crítica ou para a aceitação dos modelos sociais vigentes; se a mulher sertaneja tem também a sua subjetividade influenciada pela literatura, através das infinitas possibilidades de interação entre texto e leitor; e em como são as visões de mundo de pessoas que convivem com uma realidade de seca, em meio da vegetação escassa da caatinga e de clima definido por duas estações: a seca e o verde. É possível romper com essa crença cristalizada e muitas vezes difundida pela mídia, de um sertão pobre, sofredor, marcado pelas manifestações culturais tradicionais e preso a um ciclo de esperança/descrença, que pode ser traduzido como verde/seca?

CONCLUINDO O PRINCÍPIO

Após o término do primeiro semestre do mestrado em Crítica Cultural, algumas mudanças foram feitas no projeto original e também alguns avanços: muitas leituras, delimitação do tema, recortes, alteração do título, enfim... a partir desse ponto, penso em desenvolver a pesquisa de campo a partir de questionários e, posteriormente, entrevistas semiestruturadas com donas-de-casa leitoras de Irecê. Uma busca prévia dessas leitoras já foi feita; inicialmente foi utilizada uma enquete pelo site de rede social *Facebook*, que foi compartilhada com meus contatos, mas pouca gente respondeu, já que o processo de acessar as questões da enquete foi considerado complexo pelos usuários.

As pessoas as quais enviei a enquete começaram a sinalizar, pelo próprio *Facebook*, que não conseguiam acessar a enquete e, ao mesmo tempo, respondiam o que foi perguntado na minha linha do tempo. Então, resolvi refazer a enquete no próprio *Facebook*, nos espaços públicos de conversas e interações (publicações) e aproveitei para reforçar a enquete via *Whatsapp*, já que esta é a ferramenta da moda, no momento.

Como resultado da prévia, já tenho elencadas cerca de quinze potenciais donas-de-casa leitoras, incluindo uma senhora idosa, que, de acordo com a fonte, nunca foi à escola e que lê bastante literatura e que, inclusive escreve poesia; a merendeira de uma escola pública que é leitora literária voraz e que adora Gabriel Garcia Marques; mãe e filha que compartilham livros e leituras em uma cidadezinha nas proximidades de Irecê. Resumindo: a partir da enquete, encontrei os meus sujeitos de pesquisa, sei que existem de fato; só falta estabelecer criteriosamente como chegar a eles.

A partir das leituras feitas e das em andamento, e levando-se em consideração a temática abordada, penso em desenvolver, além da introdução e conclusão, mais três tópicos que

futuramente poderão tornar-se capítulos da dissertação: 1- Leituras na literatura e na cultura – no qual discutirei mais profundamente os conceitos de leituras, literaturas e culturas; 2- Existe gênero na leitura/literatura? – no qual pretendo deter-me mais às questões de gênero, literatura feminina, feminismos etc.; e 3- (Re)Construção da subjetividade das sertanejas pelas leituras – nesse ponto, almejo desenvolver o estudo das relações entre as donas-de-casa e suas leituras, as influências destas para aquelas e as implicações de ordem subjetiva; bem como discorrer acerca dos processos de construção de tais subjetividades, incluindo aí também outras possibilidades de se pensar o Nordeste, o sertão, Irecê - que vão além dos estereótipos, da seca, das peculiaridades.

Para tanto, penso empregar outros teóricos, além dos já mencionados: Guattari e Rolnik, Sylvia Paixão, Agamben, Durval Muniz, Virgínia Woolf, Joan Scott, Felipe Lindoso, entre outros; que serão importantes norteadores nesse processo dialógico que pretendo travar com o universo de leituras e imaginação da sertaneja dona-de-casa de Irecê.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e cultura*. – São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BRASIL, MEC/INPE. *Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA 2009: Resultados Nacionais PISA 2009 – Brasília: O Instituto, 2012*. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/pisa-busca> em 20/09/2013.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. – 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREIRE, Paulo & MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. – 10ª ed., Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.
- MURANO, Edgard. *Fraude automática: textos gerados por computador enganam publicações acadêmicas mesmo quando desprovidos de sentido*. In: Revista Língua Portuguesa. – Ano 09 – Nº 103, maio de 2014. (pp. 16-19)
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. – 3ª ed. – 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

